

**Ourocard**

apresenta

# GENESIS

## SEBASTIÃO SALGADO

Curadoria de

LÉLIA WANICK SALGADO

Baleia-franca-austral (*Eubalaenae australis*). Península Valdés, Argentina. 2004.



CCBB Educativo

Uma câmara escura, um quarto ou uma caixa totalmente vedada e apenas um pequeno orifício em uma das paredes que permitia a entrada da luz. Esse foi o primeiro passo para se chegar à fotografia. A luz penetrava nesse ambiente reproduzindo de forma invertida uma imagem do exterior. Há registros históricos de uso da câmara escura já no século XI, pelos árabes, para estudo de eclipses. No século XVI, alguns artistas usaram essa técnica para auxiliar a produção de desenhos e até Leonardo da Vinci deixou escritos sobre o mecanismo.

A primeira foto reconhecida foi feita em 1826, pelo francês Niépce, que percebeu que a prata era sensível à luz, mas não conseguia fixar a nitidez da imagem. Quem conseguiu foi Daguerre, que desenvolveu um processo onde a imagem se forma sobre uma fina camada de prata polida, aplicada sobre uma placa de cobre e sensibilizada em vapor de iodo. Essas chapas fotográficas foram colocadas dentro das câmaras escuras e assim registraram as primeiras fotografias mais nítidas, para a época.

Passaram-se dois séculos desde então e Sebastião Salgado opta por explorar o potencial expressivo próprio das fotografias em preto e branco. O que vemos nessa exposição é o resultado de um trabalho de oito anos. Salgado passou por trinta países em busca de lugares remotos, inabitados e intocados, ou onde as comunidades mantinham uma relação primordial com a natureza. “Eu estava atrás do planeta puro, o que tinha de mais protegido” disse em uma entrevista.

A palavra *Gênesis* tem origem grega e significa “origem”, “nascimento”. É também o nome do primeiro livro do antigo testamento, que fala sobre a criação do mundo e da vida. “Faça-se a luz!” Sem a luz não haveria as primeiras fotos em P&B de Niépce, tampouco a *Gênesis* de Sebastião Salgado.

Centro Cultural Banco do Brasil



Cadeia de montanhas de Brooks. Alasca. EUA. 2009.

## Um pinguim, dois pinguins, três pinguins... doze pinguins caminhando em direção ao mar.

Ao apertar o botão, o fotógrafo suspende o tempo. A fila das aves, a inclinação do *iceberg*, o pinguim flagrado em pleno salto no ar são elementos dessa foto que criam uma ilusão de movimento. São doze pinguins, mas poderia ser a sequência de apenas um correndo para um mergulho. Sebastião Salgado faz um filme em nossa imaginação usando uma só imagem.

Na segunda metade do século XVIII, não existia o cinema e a fotografia fora inventada há pouco, quando um fotógrafo inglês chamado Eadweard Muybridge teve a ideia de registrar como os corpos de pessoas e animais ficam durante o movimento. A olho nu não era possível ter certeza dos detalhes. Quem conseguiria desenhar como batem as asas de um pássaro durante o voo ou como ficam os nossos músculos durante um salto? Os pintores, por exemplo, tinham dificuldade em desenhar um cavalo a galope, porque ninguém sabia se o animal ficava com as quatro patas fora do chão ao mesmo tempo enquanto corria. Muybridge provou que sim, em 1877, quando fez uma sequência com mais de vinte câmeras e mostrou um cavalo galopando.



Pinguins-de-barbicha (*Pygoscelis antarctica*). Ilhas Sandwich do Sul, 2004.

Já percebeu que quando olhamos para algo debaixo do sol forte não conseguimos enxergar muito bem os detalhes, somente o contorno das coisas? E que, quanto mais forte a luz do sol, mais escura é a sombra projetada?

## Chamamos esse contorno causado pela luz e a sombra de silhueta.

A palavra silhueta tem sua origem no nome de um dos ministros do rei da França, Etienne de Silhouette, em 1759. Silhouette tinha como uma de suas principais distrações traçar uma linha ao redor da sombra do rosto de seus visitantes, projetada por luz de velas, sobre as paredes de seu castelo. Essa ação deu origem aos primeiros experimentos para a invenção da fotografia, cuja palavra significa: escrever com luz.

Perceba que nessa fotografia, a luz do sol projetada sobre a cena faz com que quase todos os elementos contidos nela se tornem silhuetas. Os galhos no primeiro plano estão pretos porque não recebem luz, já a orelha esquerda do elefante reluz sob o sol forte, enquanto mal conseguimos ver o desenho da orelha direita. As sombras têm variações de tons de cinzas até o preto, revelando alguns detalhes aonde alguma luz consegue chegar. A preferência de Salgado pela fotografia em preto e branco não nega suas origens nos “desenhos com luz” de Silhouette.



Elefantes (*Loxodonta africana*). Parque Nacional do Kafue, Zâmbia. 2010.

## De quem é essa mão?



Iguana-marinha  
(*Amblyrhynchus cristatus*).  
Galápagos.  
Equador. 2004.

Poderia ser uma mão com dedos finos e unhas compridas, de luva. Ou seria uma pata? Mas de que bicho? Mãos humanas e patas de animais têm quantidade de dedos diferente.

Lendo a legenda, descobrimos que trata-se da pata de uma iguana-marinha do arquipélago de Galápagos, no Equador. Tente lembrar-se da pata de um marreco: os dedos são ligados por uma membrana que auxilia no deslocamento dentro da água, funcionando como um pé de pato ou um remo. Nessa imagem não vemos nenhuma membrana entre os dedos, isso porque a iguana de Galápagos usa as patas com grandes unhas para escalar as rochas saindo do mar e manter-se pregada às crateras vulcânicas. Para nadar ela faz uso da cauda, muito mais comprida do que a dos lagartos terrestres.

A iguana-marinha é um exemplo da adaptação das espécies ao meio-ambiente. Os primeiros lagartos teriam chegado a Galápagos vindos do continente americano, que fica a mil quilômetros de distância, transportados pelas correntes marítimas sobre troncos de árvores. Nas ilhas, para buscar alimentos, as iguanas precisaram aprender a nadar e desenvolveram glândulas para expulsar o sal em excesso que ingerem com a comida.

Observe as linhas pretas que criam um desenho geométrico na carapaça do animal. O brilho da luz na foto em preto e branco nos dá a sensação de que a pele do réptil tem uma textura metálica. Procure imagens de malhas de ferro utilizadas pelos cavaleiros medievais, para proteger o corpo, em batalhas e compare com a pele da iguana-marinha.

O que lembra o formato dessa pequena ilha na baía de Moramba, em Madagascar? Um brócolis? Um cogumelo?



Árvores baobá (*Adansonia rubrostipa*) numa ‘ilha cogumelo’ na baía de Moramba.  
Madagascar. 2010.

No centro da foto: dois baobás. Quem leu “O Pequeno Príncipe” certamente conhece essa árvore, pois as sementes dos baobás cismavam em germinar e, crescendo, ocupariam todo o espaço existente em seu minúsculo asteroide. O tronco muito grosso e oco pode medir até doze metros de diâmetro e acumula água nos períodos de chuva. Em época de seca, o baobá perde as folhas e seus galhos ficam parecendo raízes. Uma lenda árabe conta que o demônio teria arrancado a árvore e a enfiado de ponta cabeça na terra, deixando suas raízes no ar. Segundo uma antiga lenda africana, se um morto for sepultado dentro de um baobá, sua alma permanecerá viva enquanto a árvore existir. E ela tem uma vida muito longa...

Madagascar tem espécies únicas da flora e fauna, por conta do seu isolamento do continente, como: os primatas de olhos arregalados, os Lêmures, que ficaram famosos com o desenho animado; as lagartixas *Uroplatus fimbriatus* que não tem pálpebras e por isso usam a língua para remover poeira do olho; e o menor camaleão do mundo, *Brookesia micra*, que é do tamanho de uma cabeça de fósforo. A maioria dos mamíferos e plantas e metade dos pássaros de Madagascar não existem em outro lugar da Terra.

## Aonde termina o chão e começa o céu?

Fotografar a neve é um grande desafio para um fotógrafo. A luz do sol reflete na superfície branca e ilumina tudo à sua volta. O gelo funciona como um rebatedor de luz, e ele está por toda a parte.

Quando olhamos em direção a uma luz muito forte precisamos fechar um pouco os olhos para enxergar o que está à nossa volta. A lente da câmera fotográfica funciona da mesma forma. A entrada de luz precisa ser controlada para que uma foto tirada em um ambiente de neve não perca os contrastes de luz e sombra.

Nessa foto o horizonte não tem uma linha definida. Se não fossem as poucas sombras das renas e do trenó, indicando a posição do chão, teríamos a sensação fantástica de que esse trenó estaria flutuando dentro de uma grande nuvem no céu.

Os Nenets são um povo nômade que vive na gelada região da Sibéria, na Rússia. A vida deles e das renas é tão próxima que fica difícil dizer quem acompanha quem. Todos os dias pela manhã, os Nenets desmontam o *tchoum*, suas tendas, e se deslocam em trenós puxados por estes animais. Só ficam alguns dias no mesmo lugar, quando o frio e o vento estão extremamente hostis.

Mal conseguimos ver o rosto desta pessoa, é um homem ou uma mulher? Os trenós maiores costumam ser conduzidos pelas mulheres e carregam os pertences das famílias do grupo, já os trenós menores, que são mais rápidos, são conduzidos pelos homens, para reunir as renas e caçar.



Nenet em seu trenó. Península de Yamal. Sibéria. Rússia. 2011.

Retratos até o século XIX eram uma atribuição dos pintores. As roupas, penteados, adereços, objetos e até o mobiliário mostravam o status do modelo, que costumava ser alguém importante, como um sacerdote da igreja, um nobre ou um rico mercador. Tintas e pincéis contavam a história do retratado.

### **Que elementos dessa imagem nos dizem quem são este homem e este menino?**

Sandálias nos pés, mantos que cobrem o corpo, o cajado que está ao lado encostado ao tronco, a paisagem montanhosa. Com essas informações visuais conseguimos imaginar como eles vivem?

Os costumes, as práticas agrícolas e as cerimônias religiosas desse povo que habita a região norte da Etiópia pouco mudaram ao longo dos séculos. Lá, as bíblias e os documentos ainda são escritos em peles de animais. A região é extremamente isolada, fica a mais de três mil metros acima do nível do mar, e só se chega a pé ou no lombo de burros.

Na galeria essa foto tem grandes proporções, provavelmente o menino vai olhá-lo nos olhos.



Etiópia. 2008.

## GENESIS | SEBASTIÃO SALGADO

Produção	Sapotí Projetos Culturais	Curadoria e Cenografia	Lélia Wanick Salgado
Coordenação Geral	Daniela Chindler	Equipe Amazonas Images:	Françoise Piffard, Marcia Navarro Mariano
Coordenação de Produção	Fernanda Saul, Flavia Rocha, Gabriela da Fonseca	Edição e produção	Jacques Barthelemy
Administrativo	Cristiane Leal dos Santos	Assistente de campo	Valérie Hue, Olivier Jamin
Coordenação Pedagógica	Alexandre Diniz	Impressão das cópias	As impressões foram feitas em papel Ilford Galerie Prestige Gold Fibre Silk.
Coordenação Ações Educativas	Karen Montija	FICHA TÉCNICA   BRASIL	
Supervisão Operacional	Débora Melo, Marcela Rodrigues	Expografia	Álvaro Razuk
Educadores Sapoti	Adriana Bertolucci, Dayla Duarte, Natalia Vinhal, Nathalya Rodrigues	Assistentes de Expografia	Isa Gebara, Marcella Verardo, Marcus Vinicius Santos, Ricardo Amado
Estagiários	Bernardo Prates, Daniela Bressan, Denilva Oliveira, Gustavo Cobelo, Isabella de Andrade, Raiane Santana, Stefane Nunes, Thiago Chaibub, Thiago Ribeiro	Iluminação	Álvaro Razuk, Wagner Freire
Caderno	Daniela Chindler	Luminotécnica	Armazém da Luz
Edição	Daniela Chindler, Marili Serafini	Instalação	Heverton Silva, José Carlos de Oliveira, Leonil Barbosa
Textos	Alexandre Diniz, Fernanda Saul, Karen Montija	Projeto Gráfico	Cássia Buitoni
Colaboração	Cássia Buitoni	Assistentes de Projeto Gráfico	Denise Yui, Mariane Klettenhofer
Projeto Gráfico		Coordenação Geral	Ponto Produção
		Coordenação Executiva	Patrícia Galvão
		Coordenação de Produção	Team Produções Artísticas
		Produção Executiva	Édila Lopes
		Produtor Assistente	Kika Bruno
		Produção Local	Dani Estrella
		Montagem Cenotécnica	Cinestand Produções Artísticas   Joaquim Pinto Neto, Mauro Coelho, Paulo Sergio Souza, Adão Siqueira
		Montagem fina	Nível Produtora Cultural   Rafael Soares, Weber Paulo, Moises Sena, Guilherme Bita
		Molduras	Aleide Alves
		Assessoria de Imprensa	Verbo Virtual   Luciana Medeiros (Coordenação nacional)
		Mídias digitais e conteúdo	Quadrado Redondo (Assessoria Brasília)
		Assessoria Jurídica	Toca Comunicação   Joana Tiso, Gabriel Simi
		Contab. e Coord.Administrativa	Luciana Rangel
			Leila Maria Machado

## Exposição

3 de setembro a 20 de outubro de 2014, de quarta a segunda-feira, das 9h às 21h

## Centro Cultural Banco do Brasil

SCES, Trecho 2, Brasília, DF | tel. (61) 3108.7600

Nos termos da Portaria 3.083, de 25.09.2013, do Ministério da Justiça, informamos que o Alvará de Funcionamento deste CCBB tem número 00340/2011, com prazo de validade indeterminado.

SAC 0800 729 0722 | Ouvidoria 0800 729 5678 | Deficiente auditivo ou de fala 0800 729 0088

Agendamento de grupos pelo tel. (61) 3108-7623 ou 3108-7624

Material elaborado para distribuição gratuita.

[bb.com.br/cultura](http://bb.com.br/cultura)

 /ccbb.brasilia

 /ccbb\_df

 LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS



APOIO

**Ourocap**

PARCERIA

**AMAZONAS images**



PATROCÍNIO

 **BANCO DO BRASIL**

**VISA**

